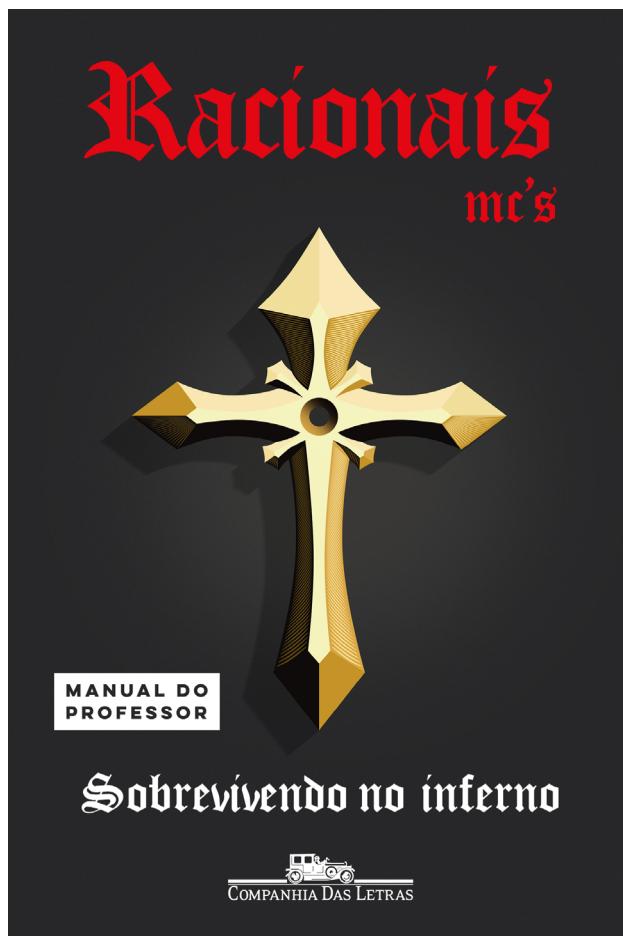


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LUIZ GUILHERME FERNANDES DA COSTA SAKAI, ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LUIZ GUILHERME FERNANDES DA COSTA SAKAI, ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

SOBREVIVENDO NO INFERNO

AUTORES

RACIONAIS MC'S

TEMAS

**INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE;
A VULNERABILIDADE DOS JOVENS;
PROTAGONISMO JUVENIL;
CIDADANIA;
PROJETOS DE VIDA**

GÊNERO LITERÁRIO

POEMA

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Luciane H. Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sakai, Luiz Guilherme Fernandes da Costa

Material digital do professor — Sobrevivendo no inferno / Luiz Guilherme Fernandes da Costa Sakai ; coordenação de Cristiane Fernandes Tavares ; CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-5921-014-5

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Racionais MC's. Sobrevivendo no inferno. III. Tavares, Cristiane Fernandes. IV. CEDAC

21-0704

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 6

A poesia salta o muro, 6

Das fronteiras às pontes entre gêneros textuais, 7

O verbo como princípio, 9

O legado dos Racionais, 9

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, 11

Pré-leitura, 12

Leitura, 19

Pós-leitura (retomada e problematização), 26

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, 29

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História e Filosofia, 29

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Sociologia, 33

Linguagens e suas Tecnologias: Artes, 36

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, 39

O rap e a canção, 39

Racionais: últimas palavras, 40

Sugestões de referências complementares, 41

Bibiografia comentada, 42

Obras citadas, 44

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Sobrevivendo no inferno*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos dos autores, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

O livro que você tem em mãos é muito mais que um livro. É um acontecimento. Ou melhor, um acontecimento que celebra outro acontecimento — o surgimento do grupo Racionais MC's e, mais especificamente, o lançamento de *Sobrevivendo no inferno*, álbum de 1997.

Essa afirmação não é mera frase de efeito. O “acontecimento” não tem nada a ver com a espetacularização que abraça certos artistas. *Sobrevivendo no inferno* é, antes de tudo, um marco político, social e cultural. O Brasil nunca mais foi o mesmo (e essa também não é uma frase hiperbólica). Quer dizer, por mais que o país teime em permanecer com seus problemas crônicos, dessa vez foi diferente: as vozes historicamente caladas já não se calam mais; os corpos historicamente violentados (dos negros, das mulheres e de outras minorias oprimidas ao longo dos séculos) não escondem mais suas cicatrizes; e fica claro que, por trás da frieza dos números que compõem as trágicas e vergonhosas estatísticas sobre violência e desigualdade, há gente e muita história. Histórias infernais, mas que agora não ficam mais restritas aos becos das quebradas: palavras que ganham o país e o mundo porque circulam em disco, na internet e que, merecidamente, agora se encontram no livro que você tem em mãos.

Palavras que, se por um lado denunciam um contexto de violência e desigualdade social que se retroalimentam, por outro dão esperanças. Não no sentido redentor, com promessas vagas de um mundo melhor, mas porque continuam até hoje a estimular que os **jovens** sejam protagonistas das transformações do (seu) mundo e que se mantenham dignos e potentes, a despeito de todas as circunstâncias que visam lhes apagar o passado, subtrair o presente e o futuro.

Daí também a potência de *Sobrevivendo no inferno*, que capta como poucos as **inquietações características especialmente da juventude** e que, nesse caso, se relacionam com a condição de **vulnerabilidade** em que grande parte dos **jovens** de comunidades periféricas se encontram. Além disso, essa grande obra dos Racionais catalisa o sentimento de transformação dessa realidade, convidando jovens a participar ativamente nesse processo de mudança, a exercer, portanto, a **cidadania**.

A POESIA SALTA O MURO

Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Geraldo Lelis Simões (KL Jay) formaram os **Racionais MC's** em 1988, época em que surgiam as primeiras manifestações do hip-hop na cidade de São Paulo.

O primeiro disco que resultou desse encontro, lançado ainda em 1988 e intitulado *Holocausto urbano*, já anuncjava que algo diferente, inédito, acontecia na cultura brasileira — o que se confirmou com o lançamento dos trabalhos seguintes, os EPS *Escolha seu caminho* (1992) e *Raio-X do Brasil* (1993), este considerado por especialistas um dos principais discos do rap nacional. Uma contextualização mais detalhada e completa pode ser lida no texto de apresentação do livro, escrito por Acauam Silvério de Oliveira, professor da Universidade de Pernambuco (UPE).

Em 1997, chegou *Sobrevivendo no inferno*. O disco atingiu uma espantosa marca de 1,5 milhão de cópias vendidas. Ou seja, extrapolou os altos muros construídos para segregar as comunidades periféricas dos centros urbanos e entrou, inclusive, em lares abastados, fazendo a cabeça também de muita gente privilegiada. Aquilo que o muro esconde, o ritmo e a poesia dos Racionais revelam.

Posteriormente, já em 2002, o grupo lançou *Nada como um dia após o outro*, mais uma vez bem recebido pela crítica especializada, que emplacou sucessos como “Negro Drama”, “Quando Jesus chorou”, entre outros, e em 2006 foi a vez do DVD *1000 trutas, 1000 tretas*. Em 2014, o grupo anunciou o aguardado álbum de músicas inéditas, *Quanto vale o show?*, lançado no final do mesmo ano. Já em 2018, após vinte anos de lançamento de *Sobrevivendo no inferno*, as palavras que já extrapolavam muros chegaram ao livro, que inclusive entrou na lista de um dos principais vestibulares do país, o da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

DAS FRONTEIRAS ÀS PONTES ENTRE GÊNEROS TEXTUAIS

Convém mencionar que é inusitada a publicação de um livro com letras de rap (sigla de *Rhythm and poetry*, ritmo e poesia). Tradicionalmente, esse suporte se dedica a outros gêneros textuais e literários. E o rap, caracterizado por uma oralidade específica, não depende de registros escritos para se afirmar ou se fazer conhecer (MELO, 2018, s. p.). Nesse sentido, a publicação de *Sobrevivendo no inferno* e o fato de figurar na lista de vestibular são acontecimentos cujos impactos ainda deverão ser analisados com a devida acuidade. Seja como for, em vez de apostar em classificações taxativas que visam enquadrar a obra à luz (ou à sombra) de conceitos, o livro nos convida a olhar de forma retrospectiva para a tradição literária e musical brasileira, e a problematizá-la. De quebra, instiga-nos a repensar, também, práticas de ensino. Daí outro possível trunfo dos Racionais: o epistemológico. Afinal, o livro nos convida a refletir sobre eventuais *epistemicídios*. De acordo com a filósofa Aparecida Sueli Carneiro (2005, p. 97):

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização inte-

lectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes.

No caso, os Racionais, como afirma Accauam Silvério de Oliveira em sua bela apresentação à edição de *Sobrevivendo no inferno*, são responsáveis pela “construção do ponto de vista periférico”. Embasado no crítico Walter Garcia, Oliveira afirma que essa construção não consiste em elementos estritamente descritivos, mas em “trabalho estético vigoroso”, de forma que “poucas vezes a realidade brasileira foi analisada e representada com um olhar tão complexo, considerando-se inclusive as instâncias discursivas mais consagradas, como a academia e a literatura” (p. 27). Daí o trunfo epistemológico, uma vez que, além de ser esteticamente vigorosa (o que afirma e empodera a cultura periférica), a obra apresenta ainda profundo conhecimento sobre a sociedade brasileira, sem necessidade da legitimação por parte das instituições ditas oficiais, como a academia. Aliás, hoje a academia reconhece a importância dos Racionais no que se refere, também, ao olhar sociológico do grupo.

Isso significa que, posto que a poesia/letra dos Racionais se constrói valendo-se de uma dicção e um léxico associados às comunidades periféricas (de variedades linguísticas socialmente menos prestigiosas), tais recursos, aqui, atrelam-se a uma contundente força discursiva. O resultado é um realismo que não tem necessariamente pretensões de objetividade denotativa, mas que é repleto de sofisticadas figuras de linguagem, de forma que a realidade da periferia, muito além de ser descrita, é apresentada de modo performativo. Dado o requinte de trabalho com a linguagem, essa obra pode ser classificada como **poesia**.

O que não significa, entretanto, que o vigor e o rigor poético dos Racionais assumam um lirismo sentimentalista, focado apenas em impressões do indivíduo. Para além disso, tal poesia assume, ainda, feições narrativas. Por mais que seja possível apreciar as letras como unidades poéticas independentes, *Sobrevivendo no inferno* se organiza com coesão narrativa, com começo, meio e fim. Um fio de história que, curiosamente, assume formas de “culto religioso” — aspecto também bem analisado pelo professor que assina a apresentação do livro. E uma narrativa por sua vez dialógica, visto que coabitam, num mesmo texto, diversos olhares que por vezes entram em choque. A poesia, aqui, flerta com os outros gêneros literários.

Assim, do ponto de vista formal, a poesia dos Racionais, com remotos ecos das tradições lírica, épica (narrativa) e dramática (performativa), acaba por desestabilizar as fronteiras que pretendem separar esses gêneros. Some-se a isso o hábil manejo de nuances da linguagem, com diversos recursos expressivos, aqui indissociáveis das gírias típicas da periferia paulista. Desconsiderar de antemão tais aspectos — que caminham a contrapelo de noções tradicionalistas acerca da literatura — é, a rigor, agir contra a literatura e suas trans-

formações, e em prol de conceitos que podem ser insuficientes. É também incorrer em *epistemocídio*, ainda que tácito, pois com isso se tenta sabotar, por consequência, a identificação dos estudantes com esse texto e as eventuais inspirações que a poesia dos Racionais pode lhes ocasionar. Nas seções subsequentes, analisaremos mais vagarosamente os aspectos aqui mencionados.

O VERBO COMO PRINCÍPIO

Além de ser leitura imprescindível aos estudantes do Novo Ensino Médio pela sofisticação em termos de linguagem, *Sobrevivendo no inferno* desenvolve temas que dialogam diretamente com questões fundamentais a todo e qualquer jovem, como perspectivas futuras: como resistir e fazer **projetos de vida**, ainda mais em meio a circunstâncias tão adversas? Não se trata, tão somente, de projetos individuais, mas de projetos que visem, também, melhoria comunitária por meio da “participação social” (BRASIL, 2008, p. 488).

Considerando a violência que marca grandes centros urbanos, inclusive vitimando inúmeros jovens (em sua absoluta maioria negros, como apresentaremos adiante com algumas estatísticas), outro aspecto temático que chama a atenção são as duras críticas a uma sociedade marcada pelo consumismo. De um lado, a violência (frise-se também a estatal); de outro, o vale-tudo da sociedade do consumo — ambos, inter-relacionados, a reforçar a **vulnerabilidade em que muitos dos jovens** se encontram. *Sobrevivendo no inferno*, como o próprio verbo do título indica, aponta para uma contínua resistência — a ação incessante de sobreviver — a um sistema que é hostil para muitos dos jovens brasileiros. A palavra, em Racionais, atua como dispositivo contra as facetas perversas desse sistema, ao mesmo tempo que aponta caminhos alternativos a seus ouvintes-leitores. Ainda que esse caminho seja ele mesmo a própria palavra.

O LEGADO DOS RACIONAIS

Com vasto repertório musical e cultural, os Racionais foram influenciados por músicos como Jorge Ben, Tim Maia (o dos grooves do disco *Racional*), além de uma gama de artistas da cultura hip-hop, entre muitos outros. E, apesar de tematizarem as desigualdades numa sociedade marcada pelo consumo e pela violência, e o racismo decorrente também dessas desigualdades, apesar de abordarem com virulência e força a realidade que marca as periferias brasileiras, o louvável resultado estético, fruto de alguns aspectos que elencamos anteriormente, conferiu representatividade às periferias, por dar visibilidade a produções já existentes, e que até hoje inspiram novos artistas.

De compositores consagrados, como Caetano Veloso, a artistas de novas gerações, como o rapper Djonga, é imensa a lista de artistas e de intelectuais que reconhecem a importância da obra dos Racionais para si e/ou para o país. Basta ver, por exemplo, o RacionaisTV

(canal do grupo disponível em: www.youtube.com/user/RacionaisTV, acesso em: 15 nov. 2020). Entre inúmeros outros conteúdos, o canal traz vários relatos sobre a importância no grupo na trajetória dos depoentes, no âmbito artístico e político: os Racionais foram decisivos, por exemplo, para o multiartista Emicida e para a filósofa Djamila Ribeiro. Assim como para Paulo Lima, o Galo, trabalhador da periferia de São Paulo que circula pela cidade para entregar alimentos via aplicativo e que luta, via palavra, contra a precarização do trabalho. Enfim, os Racionais foram decisivos a pessoas de toda sorte, mudando a sorte delas.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A leitura de *Sobrevivendo no inferno* é fundamental para os estudantes do Novo Ensino Médio. Nessa etapa da vida escolar, é esperado que esses estudantes estejam mais autônomos e que, partindo de competências e habilidades desenvolvidas nos anos anteriores, exerçam leituras de forma mais crítica. Crítica e autonomia entendidas respectivamente como “as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas” (BRASIL, p. 463).

Também se espera que os estudantes atuem de forma contundente e ativa. Dessa forma, ainda de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, “cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas”. O mesmo documento indica: “O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores — e que se refletem nos contextos atuais —, abrindo-se criativamente para o novo” (BRASIL, p. 463).

Os desafios pedagógicos já são muitos, e há um problema bem mais grave: considerar-se o fato de que muitos dos estudantes brasileiros nem sequer concluem o Ensino Médio. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, são assombrosos: 10 milhões de jovens entre 14 e 29 anos ou não frequentam a escola ou não concluíram o Ensino Médio. Desses 10 milhões, 70% são pretos ou pardos. Gravidez precoce e/ou a necessidade de trabalhar fazem também com que jovens a partir dos 15 anos abandonem as escolas.

É essa a realidade que confere uma triste atualidade a uma obra como *Sobrevivendo no inferno*. É contra essa realidade que os Racionais insurgem. No que concerne aos professores, vale repetir, cabe ao menos repensarmos práticas pedagógicas excessivamente expositivas, que dialoguem pouco com a experiência dos estudantes. O livro estimula o diálogo porque, dada a possível identificação dos jovens com essa leitura, visto que os Racionais certamente são conhecidos e apreciados por muitos dos estudantes, e considerando-se, também, os desafios inerentes dos textos, é recomendável que reflexões sejam realizadas em conjunto. Quer dizer, o professor não deve ter a palavra final (e autoritária) sobre a obra. Tampouco o estudante.

Podemos fazer uma analogia entre essa postura do professor e a própria trajetória dos Racionais, a qual nos inspira a essa horizontalidade ou, ao menos, a rever as eventuais e cris-

talizadas hierarquias no que se refere ao compartilhamento e à produção de conhecimento em âmbito escolar. As primeiras composições do grupo, como lembra Acauam Silvério de Oliveira, revelam “a figura de um professor autoritário” e foram deixadas de lado pelo próprio Mano Brown. Aos poucos, essa figura foi se convertendo na do “pastor-marginal”, que se dirige a seu semelhante e cujo “objetivo maior é formar os sujeitos para a construção de uma ética comunitária que os permita viver a ‘vida loka’ — o estado geral de precarização das condições de existência marcadas pelo risco iminente e pela contingência — sem desandar, ou seja, permanecendo vivos” (p. 31-2). À parte a acepção religiosa, esse gesto consiste, ainda, em uma aceitação mais ampla e acolhedora ao Outro, a suas experiências e pontos de vista.

A seguir, apresentamos algumas sugestões de atividades para as aulas de língua portuguesa. A ideia, em geral, é dialogar com outras manifestações artísticas e literárias, não necessariamente na esteira dos Racionais. Posteriormente, em “Propostas de atividades II”, seguem-se sugestões de atividades relacionadas a outros componentes curriculares.

PRÉ-LEITURA

Por mais que os estudantes do Ensino Médio, em comparação com os do Ensino Fundamental, consigam realizar leituras sem muita condução ou intervenção do professor, as razões apontadas antes justificam a necessidade de o docente atuar como provocador ou mediador da leitura de *Sobrevivendo no inferno*. Além disso, a troca de experiências funciona como estratégia para que se mobilizem e se construam novos conhecimentos.

Como afirma bell hooks (2019, p. 114, itálico nosso), “se a *experiência* for apresentada em sala de aula, desde o início, como um modo de conhecer que *coexiste de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer*, será menor a possibilidade de ela ser usada para silenciar”.

O livro também nos inspira reflexões específicas com relação ao suporte e à autoria, entre outros elementos. Dessa forma, recomendamos que o professor questione os estudantes, primeiramente, sobre o que conhecem a respeito do gênero rap: de quais artistas os estudantes mais gostam? O que sabem sobre a cultura hip-hop? Que outras linguagens artísticas associadas a essa cultura eles conhecem? Mais especificamente, o que mais lhes chama a atenção em se tratando dos Racionais MC's?

A pesquisadora Mariane Lemos Lourenço (2010) traz de forma concisa algumas informações sobre o hip-hop. Segundo ela,

A expressão Hip (quadril) e Hop (balançar) é uma gíria, conhecida pelos jovens do Hip Hop como balançar o quadril. O Movimento foi criado pelas equipes de baile norte-americanas, com o objetivo de apaziguar as brigas e contrariedades frequentemente manifestadas pelos jovens agrupados em gangues. O termo Hip Hop designa um conjunto cultural amplo que inclui música (rap), pintura (grafite) e dança (break). O rap, sigla derivada de

“rhythm and poetry” (ritmo e poesia), é a música do Movimento e constitui o seu elemento de maior destaque. MC é a sigla de “Mestre de Cerimônia”; é ele que canta o rap e, na maioria das vezes, também compõe as letras. Apesar de ter suas origens norte-americanas, o hip-hop feito no Brasil tornou-se totalmente distinto e independente, pois as questões sociais são diferentes. Além do quê, cada vez mais os grupos brasileiros procuram incorporar ingredientes nacionais e locais ao Movimento.

Realizado esse bate-papo inicial, vale a pena indagar a respeito do suporte: é comum que livros se dediquem a letras de música? Se sim, de quais artistas? É bem verdade que se trata de publicações não muito comuns. Alguns exemplos merecem ser citados: Gilberto Gil já teve muitas de suas letras reunidas num livro, as letras de Caetano Veloso renderam a organização de uma pequena antologia, Bob Dylan também já teve publicação de suas letras — aliás, vale lembrar, ele foi vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 2016. Entretanto, e o rap? Há outras publicações dedicadas a esse gênero? Em caso afirmativo, quais? Que motivos poderiam explicar o fato de o mercado editorial, no mais das vezes, passar ao largo desse gênero? Em se tratando de *Sobrevivendo no inferno*, por qual razão esse disco, lançado há pouco mais de vinte anos, virou livro? Qual o motivo e quais as implicações dessa celebração? De que forma a palavra impressa pode agora modificar ou ampliar a compreensão das letras dos Racionais? Porém até que ponto a ausência do canto quase melódico (e sobre isso falaremos adiante), o canto que caracteriza o rap e suas nuances de oralidade, compromete ou transforma a apreciação da obra?

Tais perguntas, relacionadas ao rap, ao grupo e à publicação, visam aproximar pouco a pouco a obra e os leitores. Convém, ainda, refletir sobre as relações complementares entre escrita e oralidade, em vez de concebê-las numa dicotomia, o que, por razões didáticas, às vezes acontece. Nesse caso, o livro não se basta: chama ao disco. O disco, por sua vez, leva ao livro. Na leitura, oral ou silenciosa, podemos nos ater a nuances e refletir de outra forma — uma experiência que é diferente de ouvir, de cantar junto. Não se trata de hierarquizá-las, de sugerir que uma seja melhor que outra. Aliás, por esse aspecto, o livro é um gatilho que estimula o desenvolvimento de habilidades relacionadas à recepção, seja ela via leitura, seja via escuta.

Somem-se a isso os videoclipes elaborados a partir das músicas, bem como o conteúdo dos Racionais na internet, que vão muito além da replicação de vídeos de shows ou de álbuns antigos. Há um conteúdo próprio e exclusivo para o RacionaisTV. Por tudo isso — dadas as possibilidades multimodais —, o livro propicia multiletramentos, sendo também por essa razão imprescindível aos jovens do Novo Ensino Médio.

Depois de conversar e de refletir com os alunos, sugerimos que o professor apresente à turma um fragmento do poema “O navio negreiro”, de Castro Alves (1847-71), datado de 1870, aliás na cidade de São Paulo. De domínio público, o poema pode ser encontrado na internet.

IV

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...*

*Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!*

*Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!*

*No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...*

*Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...*

V

*Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!*
*Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!*

*Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...*

*São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...*

*São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.*

*Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...
[...]*

VI

*Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...*

*Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...*

*Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...*

*Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!*

(Fundação Biblioteca Nacional)

Recomende aos estudantes que leiam este trecho do poema, num primeiro momento, silenciosamente. Em seguida, vale a pena fazer uma leitura em voz alta, para que se perceba a musicalidade dos versos, caracterizada não apenas pelas rimas, mas também pela métrica bem ritmada, constante. Apesar de nem todos os versos serem compostos com o mesmo número de sílabas poéticas, alternando-se entre dez (decassílabos) e seis (hexassílabos), há uma regularidade no poema.

Da mesma forma, há alternância entre a narração descriptiva e as impressões do sujeito poético, o que faz o poema ficar entre o lírico e épico (a ponto de evocar a musa, traço característico da épica clássica). Converse também com os estudantes sobre o conteúdo, recorrendo a dicionários, quando necessário, ou buscando, no contexto, o significado das palavras desconhecidas. O termo *dantesco*, que abre o fragmento selecionado, merece atenção. Porque, aludindo à *Divina comédia*, de Dante, é contundente ao associar a escravidão e a forma brutal e desumana como os negros escravizados foram tratados ao sofrimento daqueles que Dante encontra no inferno. (O ato de sobreviver, sobrevivendo a esse inferno, vem de longe.)

Esse trecho do poema foi musicado aos moldes de rap por Caetano Veloso no disco *Livro*, lançado também em 1997, mesmo ano do lançamento de *Sobrevivendo no inferno*. É possível encontrar a música em aplicativos na internet. Na gravação, que tem Carlinhos Brown na percussão e conta com participação de Maria Bethânia, são notáveis os efeitos percussivos que simulam um chicote agindo regularmente, em ritmo bem marcado, em consonância com algumas das sílabas tónicas cantadas/pronunciadas por Caetano Veloso. O que confere a esse poema, também, um aspecto de macabra canção de trabalho (aqueles canções historicamente cantadas por trabalhadores de sociedades agrárias, cujas ferramentas funcio-

nam como percussão). No caso, o trabalho do algoz — como se este fosse um ofício como qualquer outro, o que reforça a cena horrenda descrita por Castro Alves.

Recomendamos que o professor realize, com os estudantes, pesquisas com informações a respeito do poeta e sua obra. De toda forma, cabe lembrar que Castro Alves, conhecido como o poeta dos escravos, é associado pela historiografia literária ao movimento romântico, ao Condoreirismo, corrente do Romantismo cujos poetas, inspirados na ave de rapina condor, buscavam realizar um retrato panorâmico da sociedade: é como se esses poetas a vissem do alto e a descrevessem com certo distanciamento, ainda que de modo incisivo. O que resulta, também, em louvável resultado estético, posto que muitos dos recursos são claramente bem diferentes dos empregados pelos Racionais — de forma que não há receita pronta que assegure qualidade à poesia. Um deles é exatamente essa mudança de perspectiva. Não a de quem vê de cima, mas a de quem vê de dentro.

Assim, antes de começar a leitura, o professor pode chamar a atenção para a capa (cuja imagem é igual à do disco): a cruz no centro, as letras góticas na capa, a capa toda preta, lembrando a Bíblia. O que isso sugere? Vale a pena folhear o livro, observar as belas fotografias distribuídas. Note-se que ora mostram periferias, ora a própria Bíblia. Às vezes simultaneamente as duas, o que indica alguma relação entre esses elementos — relação que ficará mais clara adiante.

Estas atividades iniciais contemplam as seguintes competências e habilidades previstas na BNCC do Ensino Médio:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

LEITURA

Considerada essa guinada de perspectiva, agora é o momento de entrar na obra. Com o intuito de contextualizar mais detalhadamente *Sobrevivendo no inferno*, convém o professor questionar os estudantes sobre o que eles sabem sobre a época em que os Racionais surgiram e sobre o momento de lançamento do disco. O que conhecem a respeito da situação do país nas décadas de 1980 e 1990? Eles podem fazer pesquisas em livros ou sites para essa contextualização, sob supervisão do docente, a fim de assegurar que as fontes consultadas sejam fidedignas.

É fato que a Constituição de 1988 pode e deve ser compreendida como marco civilizatório, já que tenciona assegurar direitos num Estado democrático que se esboçava após 21 anos de ditadura militar. Mas assegurar para quem? Seria interessante o professor conversar com os estudantes que, apesar das esperanças decorrentes desse novo período que se anunciava, a produção cultural que surgia nas periferias apontava para uma realidade bem diversa. Em seguida, pode instigá-los a pensar no título da obra, destacando a forma nominal (gerúndio) do verbo: sobrevivendo. Por que a opção pelo gerúndio? O que isso sugere? Sobreviver a uma intempérie pontual é uma coisa: mas o que significa ter de sobreviver o tempo todo, como se a qualquer momento a vida pudesse ser tirada? Dadas essas condições, é possível falar de paz?

Para aprofundar a contextualização da obra, é fundamental que se leia a introdução de Acauam Silvério de Oliveira. Nesse caso, é recomendável a leitura compartilhada em alternância com conversas a respeito do texto introdutório, com a mediação cuidadosa do professor.

“Leitura colaborativa [ou compartilhada] é uma atividade de leitura cuja finalidade é estudar um determinado texto em colaboração com outros leitores e com mediação do professor. O foco do trabalho é o *processo* de leitura — e todos os seus conteúdos específicos —, e não o *produto* desse processo, como acontece em uma atividade de leitura silenciosa com questões para serem respondidas por escrito — que permite apenas a verificação do que o aluno compreendeu do texto, ao invés de ensiná-lo como se faz para ler.” (BRÄKLING, s. d.)

Assim, é o momento de ler para valer os textos da obra. A primeira letra transcrita é a única que não foi composta pelo grupo, e sim por Jorge Ben, e aponta, por um lado, para uma homenagem a esse artista crucial para o grupo. Por outro, a letra, iniciada pelo termo “Ogunhê” (p. 43), carrega simbologias que muito revelam o teor do disco, pois se trata de uma saudação ao orixá Ogum, sincretizado com São Jorge. Ogum como símbolo da criação não necessariamente artística, mas também tecnológica — além de representar, também, o sentimento de justiça, da busca por ela. Qualquer semelhança com o rap não é mera coincidência, pois nele se encontram estes elementos: a criação indissociável tanto da necessidade de lutar por melhores condições de vida como das tecnologias que possibilitam acrescentar batidas a uma música já existente e explorar novas formas de criação. Feitas a leitura e a interpretação dessa letra, vale a pena escutar a gravação do próprio Jorge Ben e também a dos Racionais MC's.

O produtor KondZilla, um dos principais divulgadores do funk no Brasil, explica:

Direto e reto: sample nada mais é do que a amostra de sons, sendo eles trechos (ou partes inteiras) de músicas já existentes, instrumentos de forma isolada ou até sons do “dia a dia”, como o trem passando nos trilhos, uma buzina ou a chuva no telhado [...] Com o surgimento da cultura hip-hop no final dos anos 70 e começo dos 80, os recortes musicais começavam a ganhar mais espaço entre os produtores”. (Disponível em: <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-sample>. Acesso em: 20 nov. 2020.)

Vale a pena, se possível, visitar o site com os estudantes e verificar os exemplos de samples elencados por KondZilla.

A menção aos samples, que não se restringem ao rap — já que esse recurso o precede e perpassa outros gêneros musicais contemporâneos, como o funk brasileiro —, não pretende desviar do objeto literário, mas estabelecer uma analogia e comunhão que aqui ocorre entre música e literatura. Porque os samples permitem uma sobreposição de sons, de forma que mais de uma música possa ser executada ao mesmo tempo, às vezes em harmonia, às vezes em tensão. No caso dessa primeira faixa do álbum, a canção de Jorge Ben toca junto, em bela consonância, com “Ike's Rap 2”, de Isaac Hayes.

Na sequência, a faixa “Gênesis”, composta e cantada por Mano Brown, dá o tom do disco. Chamam a atenção a condensação e a concisão com que se apresenta. Vale a pena transcrever o texto na íntegra:

Gênesis (Intro)

*Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor
O homem me deu a favela, o crack, a trairagem
As arma, as bebida, as puta
Eu?*

*Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática
Um sentimento de revolta
E tô tentando sobreviver no inferno. (p. 45)*

Note-se a oposição entre Deus/homem: ambos criadores, mas de obras antagônicas. Entre a Bíblia e a pistola, o sujeito poético da letra. A revolta ante mercadorias (crack, bebida, arma) que condensam violência e desigualdade; ou ante a situação de mulheres que, marginalizadas, acabam sendo tornadas mercadorias (putas). Tudo isso, um inferno ao qual resta tentar, dia após dia, sobreviver. Pode ser uma boa oportunidade de o professor analisar com os estudantes as antíteses criadas na letra e instigar uma reflexão também acerca das variedades linguísticas que aqui conferem força e ritmo ao texto, mas que são cotidianamente desprezadas por outros estratos sociais e por algumas instituições, às vezes inclusive por escolas. Os samples, beirando a poluição sonora, contribuem reforçando na letra o aspecto tenso, fúnebre. Onde há criação, há morte. E criar pode ser a ferramenta para a sobrevivência. É essa a arma dos Racionais: palavra, sua pistola automática.

A letra seguinte, da célebre “Capítulo 4, versículo 3” (p. 49-56), também de Mano Brown, apresenta outras vozes, dos outros membros do grupo, com participação de Primo Preto, cuja voz anuncia tristes estatísticas reveladoras do racismo e da desigualdade social que marcam o país. Diante de “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais” já terem sofrido violência policial, diante de 75% dos assassinados pela polícia serem negros — e negros compunham à época apenas 2% dos estudantes universitários —, resta reagir sendo “100% veneno” (p. 49). E reagir com munição: a palavra.

Começa o culto, um culto polifônico, no qual atuam e do qual participam várias personagens. Um culto cheio de antíteses, contradições, em que se apresenta a figura do “bandido do céu” ou do “padre sanguinário”, entre muitas outras, culminando em “Aleluia/ Racionais no ar/ Filha da puta!/ Pá, pá, pá!” (p. 50-1). Portanto, um culto também profano, situado entre o termo religioso e o palavrão, e que olha mais para a terra, seus problemas, suas injustiças, que para o céu. Trata-se da *teologia da sobrevivência*, como bem define o autor do texto introdutório.

Vale complementar que esse aspecto foi bem tratado por pesquisadores e professores. Acauam de Oliveira, além de falar do livro na apresentação, analisa a obra em vídeo disponível no canal RacionaisTV:

<https://www.youtube.com/watch?v=sMF62jwfNLO>.

O professor Rodrigo Basílio, do canal Historiando, também se atém a essa característica da obra, comentando o contexto do disco, marcado pelo boom de igrejas neopentecostais nas periferias:

https://www.youtube.com/watch?v=_uymVe5KbBI. (Acessos em: 20 nov. 2020.)

Vale retomar: a polifonia, como analisa Oliveira, inaugura um momento novo na estética e ética dos Racionais, visto que passa a não haver mais uma voz detentora da verdade, a do professor autoritário, mas sim a voz do “pastor-marginal” (p. 30-1). Os juízos de valor são relativizados por outras perspectivas. Podemos acrescentar que isso faz das composições uma espécie de praça pública (ágora), em que coabitam, ora em consonância, ora em tensão, diversos pontos de vista. Retomaremos essa característica na seção de “Aprofundamento” deste material.

É sempre recomendável que o professor analise as letras e as compare com o produto musical, estimulando que os estudantes estabeleçam relações entre palavras, ritmo, batidas e outros timbres, refletindo também com os colegas a respeito das diferenças entre ouvir e ler e as eventuais complementaridades. Na música se apresentam os integrantes do grupo, seu propósito. Os últimos versos, na voz de Mano Brown, merecem ser reproduzidos:

*Permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete ano contrariando estatística
Seu comercial de TV não me engana
Eu não preciso nem de status nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Apoiado por mais de cinquenta mil manos
Efeito colateral que seu sistema fez
Racionais, capítulo 4, versículo 3 (p. 56)*

Sobreviver, permanecer vivo, significa contrariar as estatísticas, reveladoras de tantas injustiças e exclusões que culminam no morticínio. O verbo *contrariar* sugere, inclusive, que tudo isso que as estatísticas indicam é deliberado, o que é reforçado pela expressão “Efeito colateral que seu sistema fez”. O sistema, do outro (“seu”), não é totalmente bem-sucedido em seu projeto. Há efeitos colaterais. Um deles é a resistência.

O verso “Eu sou apenas um rapaz latino-americano” alude, ainda, à canção de Belchior, de 1976. Uma composição de protesto contra a ditadura militar. Ao protesto dos Racionais, no entanto, soma-se o apoio de “mais de cinquenta mil manos”, também sobreviventes. Note-se que essa relação intertextual faz com que a letra, assim como os samples, tenha mais de uma camada de sentido. Converse com a turma sobre as analogias que ocorrem entre letra e samples, ambos trabalhando com sobreposições. No caso da música, a tecnologia permite esse recurso. No caso da letra, as relações intertextuais e citações, que eventualmente aparecem, também são uma estratégia de trabalhar com mais de uma camada textual.

A relação entre os dois textos não é nada fortuita: trazer um verso de canção contra a ditadura militar, nesse caso, não deixa de sugerir que práticas violentas do regime ainda

permanecem mesmo sob um regime oficialmente democrático, o que ficará claro em “Diário de um detento”, obra central de *Sobrevivendo no inferno* e a que nos ateremos nas seções adiante. Antes de comentar essa composição, vale a pena seguir o andar do culto e o fio narrativo do disco.

As faixas “Tô ouvindo alguém me chamar” (p. 59-69), de Mano Brown, e “Rapaz comum” (p. 73-9), de Edi Rock, formam um par testemunhal e reflexivo, uma seção de relatos em primeira pessoa de quem foi cooptado e sucumbiu à violência. Já não há resíduo do tom moralista que marca as composições anteriores. Aqui, há relatos de quem parte para o crime em partes sem mea-culpa, embora as consequências sejam nefastas e levem, no fim das contas, ao arrependimento. Ambas narradas em flashback, como se aos sujeitos à beira da morte violenta, ou já mortos, passassem essas lembranças do mundo do crime, seguidas de um balanço a respeito dessa incursão. Um balanço rigoroso, que mescla momentos de euforia a outros, de desespero:

*Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés
Apavorei, desempenho nota dez
Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
O segurança tentou ser mais esperto
[...]
Agora é tarde, eu já não podia mais
Parar com tudo, nem tentar voltar atrás
Mas no fundo, mano, eu sabia
Que essa porra ia zoar a minha vida um dia
Me olhei no espelho e não reconheci
Estava enlouquecendo, não podia mais dormir
Preciso ir até o fim
Será que Deus ainda olha pra mim? (p. 60-4)*

Os últimos versos de “Rapaz comum”, com o sujeito poético já morto, testemunhando seu velório, assumem contornos sobrenaturais que conferem força e expressividade à cena:

*Me acompanham até a sepultura.
Vejo um tumulto no caixão, hã, e alguém segura
Mais uma mãe que não se conforma
Perder um filho dessa forma é foda
Quem se conforma?
Como eu podia imaginar no velório de outras pessoas?
Hoje estou no lugar
No buraco desce o meu caixão*

*Jogam terra, flores, se despedem na última oração
Tão me chamando, meu tempo acabou.
Não sei pra onde ir, não sei pra onde vou
Qual que é? Qual que é? O que que eu vou ser?
Talvez um anjo de guarda pra te proteger
Não sou o último, nem muito menos o primeiro
A lei da selva é uma merda e você é o herdeiro* (p. 79)

Em ambos os casos, como afirma Acauam Oliveira, histórias “das almas que se perderam para o diabo, com resultados trágicos” (p. 34). Isto é, para o próprio sistema, do qual os sujeitos líricos/narradores se encontram de antemão excluídos, buscando pela via da violência certa inserção. O “rapaz comum” do título da composição de Edi Rock revela que esse é o destino de muitos; afinal, não é o último nem o primeiro.

À medida que leitura e apreciação da obra avançam, o professor pode estimular conversas a respeito dessas letras, dos temas que suscitam. É importante levar em consideração também o aspecto poético, narrativo e dramático dos textos, bem como os efeitos sonoros e a forma com que se articulam às palavras. A alternância de vozes flerta com gêneros narrativos ou mesmo com o teatro, sem abrir mão de recursos expressivos de linguagem tradicionalmente associados a manifestações líricas. Reflita com a turma, também, sobre o emprego de gírias, palavrões e reprodução da fala sem preocupação com concordância. Aqui, elas estão a serviço do ritmo, do caráter performático dessas letras, a serviço de uma linguagem que, sofisticada, confere um realismo contundente. As gírias não deixam de ser elementos identitários, porque partilhadas por certos grupos, desconhecidas ou mesmo refutadas por outros. Amalgamadas a recursos expressivos, quando não em si mesmas esse recurso, contribuem para uma afirmação contundente da cultura periférica, às vezes malvista por setores da sociedade mais privilegiados, e não se opõem a recursos de linguagem também tradicionalmente apreciados.

Trata-se, assim, de uma reflexão a respeito da adequação do uso de linguagem, e sobre os preconceitos contra outras variedades linguísticas diferentes da norma padrão, que por sua vez podem ser indicativos de preconceito de classe, entre outros. Quais são as gírias que os estudantes mais falam? Estão associadas a certo grupo? Para explorar esse assunto, o professor pode sugerir a elaboração coletiva de um pequeno dicionário de gírias ou uma pesquisa colaborativa a respeito de variantes empregadas por outros grupos, como o Pajubá, típico da comunidade LGBTQI+. Há, ainda, as gírias que se tornam obsoletas, cafonas — como se fossem marcadores temporais, pequenos resíduos de outras épocas. Estimule a turma a conversar com parentes ou amigos mais velhos a respeito de gírias empregadas em décadas anteriores.

Seria interessante estimular tais sugestões de reflexões, mais relacionadas à linguagem verbal, no decorrer da leitura. As atividades indicadas até agora, sempre colaborativas,

envolvendo toda turma, têm por inspiração a própria autoria do livro, que nesse caso não é centrada no nome de um indivíduo, mas de um grupo. O professor pode estimular os estudantes a refletirem sobre o papel complementar que cada integrante assume no grupo, assim como sobre as responsabilidades e os desafios que isso implica.

Outras características da obra, bem como do gênero rap, inspirarão mais atividades, que o professor de língua portuguesa pode trabalhar junto com professores de outros componentes curriculares (*descritas em “Propostas de atividades II”, mais adiante*). Aliás, é necessário destacar que o livro convida a uma perspectiva antes de tudo multidisciplinar. Limitá-lo a um ou outro componente curricular fará com que muitos aspectos marcantes da obra não sejam contemplados. Dessa forma, a seção com possibilidades interdisciplinares, neste caso, complementa as atividades a serem realizadas no ato da leitura, sem falar que aprofundam alguns aspectos até o momento mencionados.

As atividades por ora sugeridas pretendem contribuir para o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

HABILIDADE (EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/ na realidade.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines,

e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

PÓS-LEITURA (RETOMADA E PROBLEMATIZAÇÃO)

É bem verdade que o rap conferiu, de forma inédita, representatividade e empoderamento a etnias e a diversos estratos sociais historicamente marginalizados, de cujas manifestações os holofotes da mídia hegemônica costumavam passar longe. No contexto brasileiro, os Racionais foram decisivos para a valorização e a admiração dessas manifestações culturais. O que, por sua vez, foi o gatilho para novas reivindicações de grupos que se sentem a reboque do próprio rap, considerado, pelo menos em suas origens, um gênero musical e textual estritamente masculino, a rigor machista. O próprio Mano Brown, em depoimento concedido em 2018 à revista *Claudia*, expressa essa ressalva:

Fui criado de maneira machista, mas o mundo está mudando — e para melhor. [...]

E hoje há dois grupos muito opostos: uma juventude conservadora e outra completamente libertária. Mesmo assim, as mulheres estão entrando com força total em todos os espaços, inclusive no rap. (GIANINI, 2018)

Vale a pena ler o depoimento inteiro com os estudantes (trata-se de um texto breve): <https://claudia.abril.com.br/famosos/mano-brown-feminismo>.

Acesso em: 20 nov. 2020.

O professor pode conversar com os estudantes sobre essa fala de Mano Brown retomando as letras dos Racionais e também questionando sobre a forma como muitas vezes se referem às mulheres, por vezes chamadas inclusive de “putas”. A ideia é estimular a discussão acerca da representatividade de gênero e das eventuais reproduções de opressão que podem ocorrer mesmo entre oprimidos. Note-se que, para Mano Brown, o aumento da representatividade do rap, tornando-se pouco a pouco veículo de afirmação de outras minorias historicamente marginalizadas, contribui para a contínua renovação desse gênero.

É importante pontuar que, por mais que apresentem teor machista, essas letras não devem ser descartadas, tampouco “canceladas” — para usar um termo da moda. Elas podem ser, claro, questionadas. Ao mesmo tempo, analisar as letras, reconhecer seus ricos recursos expressivos, não significa estar de acordo ou compactuar com seu conteúdo. Há que se debater cuidadosamente. Vale relembrar a analogia com a praça pública (a ágora, espaço dedicado a debates e responsável pelo nascimento da filosofia na Antiguidade). Assim, seria

interessante estimular a turma a apresentar em sala de aula obras de rappers que reivindicam outras inclusões e, com esse material todo, o professor pode propor aos estudantes uma análise das diferenças e pontos em comum desses outros músicos com os Racionais.

Brisa Flow, Linn da Quebrada e Jup do Bairro são exemplos dessas novas artistas que (in)surgiram mais recentemente. A lista de novos artistas aumenta a todo instante, sem falar que muitos são conhecidos na cena local, de um município ou comunidade, dado que o rap não depende da legitimação da indústria cultural hegemônica, ou seja, da grande mídia, para circular, embora muitas vezes a indústria contribua para que essas manifestações se veiculem de forma mais ampla. Conversar sobre essas questões é uma oportunidade de incentivar que os estudantes considerem a cena local, de sua cidade.

Valendo-se de novo da analogia com a praça pública, sugerimos que o docente estimule a turma a produzir um *slam*.

De acordo com Daniela Silva de Freitas (2020, p. 1-2):

Junto com o rap, os saraus, as batalhas de MC's e, talvez, a literatura marginal, a *slam poetry* — ou simplesmente o “*slam*”, que é como a maioria de seus participantes se refere tanto à poesia quanto ao evento —, especialmente em São Paulo, se configura, entre outras coisas, como mais uma manifestação da palavra cantada dentro do universo da cultura hip-hop e constitui uma das cenas culturais que mais crescem pelo país.

[...] A *slam poetry* nasceu nos meados dos anos 1980, em Chicago. Herdeira da vasta tradição de poesia falada que já existia nos Estados Unidos — dos *readings* dos poetas beatniks; do *spoken words* de poetas negros [...].

Espalhando-se pelo mundo todo, chega com força, mais ou menos em 2009, ao Brasil. Nas bandas de cá, a slammer e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva é a pioneira e principal referência no assunto. Vale a pena assistir com os estudantes, se possível, suas apresentações disponíveis na internet.

Algumas informações sobre Roberta Estrela D'Alva podem ser encontradas aqui: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa441651/roberta-estrela-dalva>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Destaque-se que essa manifestação artística partilha certas semelhanças com o rap, inclusive em seu caráter de contestação e de insurgência. É hora, então, de ir para a prática. Neste momento, os jovens produzirão suas poesias e ensaiarão também a leitura performática de seus textos. Se possível, convém o professor reservar algumas aulas para a realização dessas tarefas. Vale a pena ter como referência as regras elencadas e resumidas por Freitas (2020, p. 2):

O *poetry slam* é uma batalha de poesia falada, cujas cinco regras principais, apesar de variarem de lugar para lugar, tendem a permanecer relativamente as mesmas: os competidores têm três minutos para apresentar sua poesia autoral e inédita naquele slam, sem o auxílio de adereços de cena ou acompanhamento musical. As poesias são julgadas pelo público e pelos jurados imediatamente após sua leitura/recitação/acontecimento, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia. Das notas dos cinco jurados, a maior e a menor são descartadas, compondo uma nota final que varia entre zero e trinta pontos. O poeta geralmente passa por três rodadas, tendo que apresentar três poesias vencedoras antes de se tornar o campeão da noite.

O professor pode propor que os critérios para a realização do *slam poetry* sejam decididos em conjunto, com a classe toda. Claro que o júri pode ser decidido de antemão, e não aleatoriamente como acontecem em eventos de maior porte. Cabe ao júri avaliar as apresentações com base nos critérios previamente construídos pela turma. A atividade deve ser feita, se possível, em área externa, ou mesmo nos arredores da escola. Tanto o rap como o slam propõem, cada um à sua maneira, novas formas de ocupação e de ressignificação dos espaços públicos. Historicamente excluídos, inclusive do debate público, inventam suas ágoras, efeito colateral do sistema. Tais atividades contemplam as seguintes competências e habilidades:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADE (EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

É importante ressaltar que, por tudo o que *Sobrevivendo no inferno* inspira, seja no tema, seja em sua estrutura, ou mesmo por ser tributário de uma rica e multifacetada cultura como a do hip-hop, as sugestões de atividades que seguem flertam simultaneamente com vários componentes curriculares. Na verdade, até convidam a que esses componentes se integrem uns aos outros.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: HISTÓRIA E FILOSOFIA

PRÉ-LEITURA

Vimos que, na letra de “Um rapaz comum”, o destino do sujeito poético/narrador se vincula ao de muitos outros como ele: jovens sem oportunidade, sem acesso a serviços básicos, que incorrem ao crime e do crime são vítimas. Mais que uma tragédia pessoal, trata-se de um sintoma de uma sociedade excludente, como se o sistema atuasse deliberadamente em prol dessa exclusão, recorrendo inclusive à mais brutal das violências: a que visa exterminar parte de uma população.

Um trecho do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018, p. 314) pode contribuir para esse debate com os estudantes:

O processo histórico foi, para grande parte da nossa humanidade, um processo de habituação à morte do outro — morte lenta, morte por asfixia, morte súbita, morte delegada. Essa habituação à morte do outro, daquele ou daquela com quem se crê nada compartilhar, essas formas múltiplas de esgotamento das fontes vivas da vida em nome da raça ou da diferença, tudo isso deixou vestígios muito profundos, quer no imaginário e na cultura, quer nas relações sociais e econômicas.

A obra central do disco é “Diário de um detento”, que é precedida por uma faixa instrumental de Edi Rock. O professor pode conversar com os estudantes, retomando e aprofundando tanto as questões iniciais sobre contextualização da obra como as que foram sugeridas na seção anterior. É imprescindível que tenham informações sobre as datas a que o diário se refere, já que é um documento histórico e assombroso sobre o massacre do Carandiru. O que os jovens sabem sobre esse massacre? Qual foi o estopim desse morticínio? Quais as consequências para a sociedade brasileira? Nesse momento os estudantes podem realizar pesquisas em livros e em sites (com a supervisão do professor).

Se possível, seria interessante exibir o filme *Carandiru* (2003), dirigido por Hector Babenco e baseado no romance documental de Drauzio Varella. Brasil, 2003, 146 min. Classificação indicativa: 16 anos.

LEITURA

O texto de “Diário de um detento” merece atenção especial. Logo no início, como o título indica, há um flerte com o gênero diário. A primeira estrofe da letra, aliás amplamente conhecida, situa com precisão o leitor e ouvinte. Acompanhamos o sujeito poético dentro da cadeia. As descrições desse cotidiano são contundentes:

*Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
[...]
Tirei um dia a menos, ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais* (p. 83-4)

Como num diário convencional, alternam-se descrições do cotidiano, seguidas de impressões e de breves digressões do sujeito:

*Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime, uma sentença
Cada sentença, um motivo, uma história
De lágrima, sangue, vidas e glórias
Abandono, miséria, ódio, sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto: eis um novo detento* (p. 84)

Assumindo um caráter reflexivo, o eu poético/lírico, a voz enunciadora da poesia (e que não corresponde necessariamente à voz do autor) anuncia uma série de condições que, combinadas, resultam em “um novo detento”. É como se devolvesse a humanidade a essas pessoas, a despeito do tratamento a que são submetidas e que visam extirpar qualquer dignidade de quem se encontra na condição de detento. Histórias e sofrimentos que as estatísticas não contemplam e que o sistema ignora. Note-se, ainda, a oposição entre quebrada e estado, sugerida pelos versos “Ladrão sangue bom tem moral na quebrada/ Mas pro Estado é só um número, mais nada” (p. 86-7).

E se, nas duas letras anteriores, o relato é de quem perdeu sua alma para o diabo (sistema), em “Diário de um detento” o diabo “é só mais um/ Comendo rango azedo com pneumonia” (p. 86). As descrições e divagações, fortes e incisivas, são ritmadas pela onoma-

topeia “ratatatá”, que funciona como um marcador na faixa e na letra. O que sugerem? A estrutura da letra é fascinante. Formulada em versos, quase sempre com rimas emparelhadas, funciona como numa narrativa compacta, visto que a ação se encaminha para um clímax: o próprio massacre, ocorrido no dia 2 de outubro de 1992.

Uma briga entre detentos que culminou no extermínio de 111 pessoas da população carcerária do então Carandiru, “uma maioria de moleque primário” (p. 88). Isso segundo os números oficiais. A decisão partiu de um telefonema do então governador Fleury:

*Era a brecha que o sistema queria
Avise o IML, chegou o grande dia
Depende do sim ou do não de um homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatatá, caviar e champahe
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe* [p. 88-9]

As onomatopeias, simulando o som das armas, atribuem à cena um caráter vertiginosamente cruel. Vale retomar o poema “O navio negreiro”: um extermínio orquestrado com a marcação rítmica, seja de chicote, seja de metralhadoras...

Depois da cena, a constatação digressiva:

*O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou bombril
Cadeia guarda o que sistema não quis
Esconde o que a novela não diz* [p. 89]

De novo, a reflexão sobre o sistema, do qual, vale repetir, esses detentos são excluídos, desde sempre. Ainda merecem destaque as analogias entre sangue e água estabelecidas no corpo da letra. A primeira delas:

*Ratatatá, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23* [p. 89]

Aliás, note-se que esse mesmo salmo aparece na epígrafe do livro.

A segunda analogia entre sangue e água aparece em: “Ratatatá, Fleury e sua gangue/ Vão nadar numa piscina de sangue” (p. 89). Vale lembrar que Carandiru designa, também, o nome de um córrego que passava na região. Uma imagem potente que condensa todo um projeto sistêmico, a se julgar também pela leitura de “O navio negreiro” e que se repete nas chacinas da Candelária e de Vigário Geral, ocorridas em 1993, no ano seguinte ao massacre do Carandiru.

PÓS-LEITURA

“Diário de um detento”, como menciona Acauam Oliveira (p. 29), é uma obra coletiva, parceria entre Jocenir, sobrevivente do massacre, e Mano Brown. Borram-se as fronteiras não só entre fato e ficção, entre testemunho e poesia, mas entre subjetividades. A música é uma obra coletiva, visto que circulou entre outros detentos, sendo gravada somente após sua aprovação. Essas informações estimulam uma boa conversa com os estudantes a respeito dos pontos de vista sob os quais os eventos históricos são narrados. Quem conta a história? E se fosse narrada por outros?

“Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia três de outubro, diário de um detento” (p. 89). Talvez, não fosse essa música, o massacre teria sido um dos tantos episódios esquecidos. Com base nessa troca de ideias, proponha que os estudantes produzam versos — num primeiro momento escritos — em que haja reflexões a respeito dessas histórias que não foram contadas. Para ilustrar e também inspirar essas atividades, o professor pode apresentar à turma a música “Histórias para ninar gente grande”, samba-enredo da Mangueira em 2019. Recomendamos especialmente a interpretação de Maria Bethânia. Nessa gravação, a cantora abre mão da melodia, fazendo da música algo mais recitativo. O que partilha, de algum modo, uma semelhança com o rap. Os versos iniciais dão o recado: “Brasil, meu nego, deixa eu te contar/ A história que a história não conta/ O avesso do mesmo lugar”. Apesar de serem diferentes em estrutura e gênero, podem se complementar no que se refere à reflexão aqui sugerida. O massacre do Carandiru não deixa de ser o avesso mais brutal da história de um povo cuja identidade foi forjada na conciliação entre etnias diversas. Aliás, o sistema prisional brasileiro, em si, já se apresenta como avesso à falácia da conciliação: os negros hoje representam dois terços da população carcerária no Brasil, de acordo com o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020).

Tanto “Diário de um detento” como “Histórias para ninar gente grande” versam sobre essas outras perspectivas a respeito de eventos históricos. O que sugere que a história é um campo discursivo em que entram em disputa diversos pontos de vista. Vale a pena falar sobre isso com os estudantes e refletir a respeito da suposta neutralidade do discurso histórico — ele mesmo seletivo, cheio de lacunas, às vezes deliberadas. Como consequência, muitos outros pontos de vista ou mesmo histórias são apagados. A escritora cearense Jarid Arraes (1992), por exemplo, publicou em 2017 *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* como forma de resgatar a história de figuras importantes e que geralmente não são devidamente lembradas em sala de aula. Essa obra pode também inspirar a sugestão que segue.

A ideia é de que os estudantes, inspirados nessas obras, produzam versos em conjunto, o que pode ser realizado em pequenos grupos. Antes disso, sob supervisão do professor, vale a pena realizar uma pesquisa sobre episódios ou personalidades históricas. É hora, então, de produzir versos que contam essas histórias. Após essa primeira etapa de criação, seria interessante uns lerem os textos dos outros e trocarem impressões ou mesmo sugestões

de reformulação. Uma forma de todos apresentarem suas criações é musicá-las aos moldes do rap ou promoverem leituras e performances aos moldes do slam. Lembrando que, por mais que os produtos apresentados sejam artísticos, a atividade motiva reflexões a respeito do discurso historiográfico como construção narrativa, além de estimular pesquisas sobre nossa própria história, ainda a ser desvendada.

Tais atividades contemplam as seguintes competências e habilidades:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADES

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: SOCIOLOGIA

PRÉ-LEITURA

Antes de trabalhar o livro, a proposta é apresentar aos estudantes a matéria “Paraisópolis: casos de covid-19 caem com ajuda da comunidade”, resgatando se necessário as características básicas que compõem esse gênero textual.

Paraisópolis: casos de covid-19 caem com ajuda da comunidade

Com ação local, comunidade está conseguindo amenizar a vulnerabilidade no combate à covid

As ações na favela

Os pesquisadores apontam que o “pulo do gato” de Paraisópolis é a organização comuni-

tária e a realização de ações em parceria com organizações da sociedade civil para conter a difusão da pandemia na favela que conta com mais de 70 mil habitantes.

[...] “Nós criamos uma grande rede de solidariedade em que um morador ajuda o outro. [...]”, diz Gilson Rodrigues, líder comunitário e presidente da União de Moradores e Comerciantes de Paraisópolis. (GONÇALO JUNIOR, 2020)

O texto completo está disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/paraisopolis-casos-de-covid-19-caem-com-ajuda-da-comunidade,16af2bcefc2fd1cd1132915264c06c45z0fvsx2w.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Note-se que, por mais que aparentemente não tenha relação direta com *Sobrevivendo no inferno*, o texto destaca ações comunitárias que visam suprir a ação do poder oficial, do Estado. Converse com os estudantes acerca de ações comunitárias que eles conhecem em seu município, para além das mencionadas pela reportagem. É necessário, para entender melhor esses gestos políticos, que pesquisem os conceitos de Estado e de Governo.

O sociólogo britânico Anthony Giddens (2008, p. 425) explica as articulações entre os conceitos de Estado e de Governo:

Um estado existe quando há um aparelho político de governo (instituições como um parlamento ou congresso, mais funcionários públicos), que governa um dado território, cuja autoridade é apoiada por um sistema legal e pela capacidade de usar a força militar para implementar as suas políticas. Todas as sociedades modernas são estados-nação.

LEITURA

Nesse momento, o professor pode explorar com os estudantes a introdução escrita por Acauam Silvério de Oliveira. Vale destacar a seguinte passagem:

A tarefa fundamental do rapper passa a ser, portanto, propor novas formas de sobrevivência aos sujeitos periféricos, posicionando-se ao lado do bandido (sem se confundir com ele) ao mesmo tempo que se define enquanto marginal, ou seja, um sujeito destinado a morrer pelas mãos do Estado [...]. O objetivo maior é construir, em conjunto com a comunidade periférica, um caminho de sobrevivência para todos os irmãos, bandidos inclusos, por meio da palavra tornada arma. [...] (p. 35-6)

Em seguida, vale a pena ler e ouvir as letras das faixas subsequentes:

- “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, de Edi Rock.
- “Qual mentira vou acreditar”, de Edi Rock com Mano Brown.
- “O mágico de Oz”, de Edi Rock.
- “A fórmula mágica da paz”, de Mano Brown.

Tais letras formam um conjunto de narrativas, ora mais, ora menos reflexivas, que atuam como crônicas e descrevem o dia a dia na periferia e a vida noturna dentro e fora dessas comunidades. Em todos os casos, constatamos a reiterada exclusão por parte do sistema (vale repetir: estatal e capitalista) e as respostas a esse processo excludente — respostas que visam tão somente à sobrevivência, por mais que os métodos e as estratégias sejam diversos, às vezes também violentos. Vale lembrar que essas letras não compactuam com práticas violentas, como é ressaltado na apresentação). As faixas “Rapaz comum” e “Tô ouvindo alguém me chamar” também comprovam que não se trata de obras que fazem esse tipo de apologia. Pelo contrário.

Isso significa que a obra dos Racionais faz apologia à criminalidade? Muito pelo contrário: basta acompanhar as letras de todas as canções e tentar encontrar algum caso de um criminoso que não tenha final trágico. “A vida bandida é sem futuro”: esta talvez seja a principal lição do disco. Acontece que o ponto de vista das canções a respeito da criminalidade e da violência é muito mais complexo que o olhar do “cidadão de bem” conservador (para quem bandido bom é bandido morto) e o do “defensor dos direitos humanos” (para quem o bandido é mera vítima da sociedade, por ser pobre). Afinal, é a sobrevivência da comunidade que está em jogo. (p. 35)

PÓS-LEITURA

Assim, após a leitura de algumas das letras, os estudantes podem refletir, com base na reportagem e nas letras trabalhadas, sobre as instituições que marcam a presença do Estado (a escola é uma delas) e as consequências da ausência de políticas públicas que contemplam as comunidades periféricas. Os textos revelam que, diante dessa ausência, as reações podem ser diversas: às vezes, ações organizadas e comunitárias que visam ao bem comum; às vezes, o desespero e o desamparo que culminam na resposta violenta e que, como mostram as letras, sempre acabam em tragédia.

Nesse momento os estudantes podem elaborar uma lista do que consideram ser os principais problemas no ambiente escolar e, em seguida, propor intervenções para mitigar ou até solucionar esses problemas. A intenção é estimular ações políticas em ambiente escolar e que possam inclusive inspirar outras reivindicações para além da escola. É importante o professor apoiar a participação ou a formação de um grêmio estudantil, bem como a adesão ao conselho escolar.

Tais atividades visam promover o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

HABILIDADE (EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos direitos humanos. Ao realizar esse exercício na abordagem de circunstâncias da vida cotidiana, os estudantes podem desnaturalizar condutas, relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional.

HABILIDADE (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: ARTE

Como dissemos anteriormente, *Sobrevivendo no inferno* inspira uma série de trabalhos interdisciplinares. Afinal, o livro, neste caso, não é um objeto autônomo. Estabelece relação de interdependência com o disco, que por sua vez inspira obras audiovisuais: os videoclipes. Multissemiótica por excelência, trata-se de uma obra que integra linguagens diversas. As propostas que se seguem visam promover essa integração entre múltiplas linguagens, verbais ou imagéticas. Depois, na seção de aprofundamento deste material, apresentamos conceitos que podem também contribuir para o aprofundamento destas atividades, bem como das anteriores.

PRÉ-LEITURA

Uma roda de conversa permitirá identificar o que os estudantes sabem a respeito do rap e de outras manifestações da cultura hip-hop. O professor pode estimular que pesquisem nomes expressivos dessa cultura, dentro e fora do país: na dança, no grafite, na música, nas manifestações mais comuns e que datam dos anos 1970 e 1980. E também as novas manifestações da cultura hip-hop, como o teatro.

Recomendamos que o professor exiba, se possível, uma reportagem a respeito do **teatro hip-hop**: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/v/teatro-hip-hop-preserva-linguagem-e-ganha-espaco-na-cultura-nacional/4489760>. Acesso em: 20 nov. 2020.

No Brasil, a pioneira nesse gênero é a pesquisadora Roberta Estrela D'Alva.

LEITURA

É o momento de trabalhar com os estudantes a leitura das letras, atendo-se especialmente àquelas que apresentam múltiplas vozes (polifônicas) — aliás, quase todas elas. A ideia é averiguar com mais vagar as interseções que estabelecem com o gênero dramático. Quando o professor escutar as músicas com a turma, convém chamar a atenção para os samples, que contribuem para conferir o caráter cênico da música. (O termo, assim como o livro, é deliberadamente sinestésico.) Não se trata de tentar classificar essas letras entre um e outro gênero, mas de perceber, por meio delas, que é possível um gênero discursivo/textual se valer das características de muitos outros.

A análise dessas letras contribui, ainda, para que sejam revistas e aprofundadas as características de diversos gêneros textuais, artísticos ou não. Dessa forma, é recomendável retomar as características básicas que configuram uma narrativa dramática ou um texto teatral (a fala direta dos personagens, a ausência de uma voz narrativa que conduza o leitor/ouvinte, as rubricas, entre outros). Se possível, o professor pode exibir à turma os videoclipes de algumas das faixas de *Sobrevivendo no inferno*, questionando até que ponto as imagens podem contribuir para a ampliação da letra.

PÓS-LEITURA

Feita essa leitura mais direcionada aos aspectos sugeridos, os estudantes, assim como nas atividades anteriores, elaborarão uma obra colaborativa multilingüística. À diferença daquelas atividades, a ideia aqui é trazer outros elementos para além da linguagem verbal (oral e escrita). Assim, seria interessante estimular os jovens a dançar, a compor obras visuais (verificando, por exemplo, se a escola ou alguma instituição cederia muros para grafites); a elaborar esquetes teatrais; a compor raps e slams, valendo-se também de gravações em dispositivos móveis. A proposta consiste sobretudo em buscar integrar essas linguagens, bem como valorizar as aptidões individuais dos estudantes.

Vale lembrar que a cultura hip-hop também se transforma no espaço, quer dizer, recebe cores e aspectos típicos de cada região do país. Não se trata, portanto, de mera importação. O fenômeno é muito mais complexo. Uma cultura contemporânea da África da

diáspora — no mais das vezes realizada à força, quando séculos atrás africanos eram depositados feito coisas em navios negreiros — é uma das mais belas respostas a essa barbárie.

As atividades aqui propostas contemplam a seguinte competência e habilidade:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

O RAP E A CANÇÃO

Em 2001, o músico e professor de literatura José Miguel Wisnik chamava a atenção para o significado do rap no Brasil:

Quero comentar, entre tudo o que se seguiu à época áurea da MPB (cuja centralidade no mercado musical brasileiro parece ter durado até o início dos anos 1980), um acontecimento forte e significativamente fora do esquadro popular-nacionalista: refiro-me ao *rap* de São Paulo, tal como se encontra realizado, por exemplo, no CD *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's. Para mim, esse é o *mais marcante fato novo da música no Brasil desde muito tempo*, como expressão social, como linguagem, como fenômeno de produção, distribuição e criação de público. (apud SILVA, 2009)

Pouco a pouco, especialmente depois do lançamento de *Sobrevivendo no inferno*, o rap passou a ser tema de debates cada vez mais amplos. Assim como José Miguel Wisnik, Chico Buarque de Holanda, em 2004, por um caminho um tanto diferente, especulou que o rap significaria a ruptura com uma tradição da canção. O depoimento de Chico Buarque não passou despercebido. Pelo contrário, esquentou o debate e estimulou investigações mais profundas a respeito dessa hipótese, como as realizadas pelo ensaísta e compositor Francisco Bosco.

Acauam Oliveira é quem mais profundamente testa essa hipótese, como pode ser visto em sua tese de doutorado intitulada *O fim da canção? Racionais como efeito colateral do sistema canacional brasileiro*, de 2015. O texto introdutório da edição de *Sobrevivendo no inferno* deriva de sua tese e apresenta de forma breve algumas investigações realizadas nessa pesquisa de fôlego. Vale lembrar o que escreve a respeito dessa tradição musical e do novo capítulo que os Racionais inauguraram no cancionário nacional:

[...] o rap desloca a canção brasileira de um dos seus principais pilares de organização de sentido até então: a identidade nacional pensada em termos de conciliação racial, via mestiçagem, e de classe, via nacional-desenvolvimentismo. É como se o gênero [rap] tivesse forma a partir dos destroços desse projeto de formação do país [...] (p. 25).

De forma que, em termos análogos, a canção nacional tradicionalmente incorpora elementos de diversas culturas, conciliando essas diferenças. Fora da música, no plano social, isso não ocorre — o que o rap bem denuncia, ao se comprometer, também, em dar voz às pessoas que ficaram de fora desse projeto que forjava uma conciliação. A ruptura se

dá, claro, na forma da música, e não só em seu conteúdo. Aparentemente pouco melodioso, próximo da fala corrente, o rap foi alvo de questionamentos diversos. É, afinal, música?

Para o músico, linguista e professor Luiz Tatit, sim. Em suas palavras:

Um dos equívocos dos nossos dias é justamente dizer que a canção tende a acabar porque vem perdendo terreno para o rap! Equivale a dizer que ela perde terreno para si própria, pois nada é mais radical como canção do que uma fala explícita que neutraliza as oscilações ‘românticas’ da melodia e conserva a entoação crua, sua matéria-prima. A existência do rap e outros gêneros atuais só confirma a vitalidade da canção. (s. d.)

Para Tatit, vale lembrar, a canção não é apenas música, mas uma *classe de linguagem* rica, para cuja renovação o rap, assim como funk, foi decisivo.

RACIONAIS: ÚLTIMAS PALAVRAS

Em entrevista concedida em 2018, Mano Brown realiza um contundente depoimento a respeito dos rumos dos Racionais e da relevância de seu papel político nas periferias:

Racionais MC's não é mais algo meu. Vejo a banda como uma coisa que ajudei a criar, mas que bateu asas e voou. É como um filho que você cria para o mundo: não é mais seu. A gente não tem mais direito de escolher a roupa que quer, a batida que quer, não pode mais falar o que quer. Quando os Racionais surgiram, lutávamos para ter liberdade para falar, para ter espaços que não tínhamos [...]. Os Racionais foram criados por quatro garotos que tentavam sobreviver, que não tinham ideia de como era o mundo. Só sabíamos o que era a favela. Muita coisa mudou, e hoje eu questiono a importância dos Racionais num mundo desses. Aqueles ideais que o povo defendia, o povo esqueceu. Com aquele discurso que tínhamos em 1990, hoje, os Racionais seriam engolidos pela periferia. Seriam rejeitados. (PRADO, 2018)

Sugerimos, para encerrar, que reflita com os estudantes a respeito dessas transformações — sociais, culturais — a que Mano Brown alude. Até que ponto o rap ainda tem espaço nas periferias? Até que ponto perdeu lugar para o funk, especialmente o de ostentação?

Ao mesmo tempo, é possível afirmar que o rap continua a se renovar, por meio das novas representatividades, por exemplo, à medida que as mulheres conquistam espaço tão permeado pelo machismo? Isso sem falar do rap indígena, como o do Brô MCS, formado por quatro jovens Guarani Kaiowá. São reflexões que não se encerram por ora. Seja como for, a publicação do livro dos Racionais é oportuna para que se reconheça, revisite e revalorize o poder político e estético do rap, que tem, no Brasil, os Racionais como maior expressão.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Canal RacionaisTV, no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCjwJS6NGoJ70x8hyQSh9W1Q>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Além da discografia mencionada no início deste material, recomendamos que se visite o conteúdo disponível no canal RacionaisTV no YouTube. Há depoimentos de professores, artistas e intelectuais a respeito do grupo, videoclipes, trechos de shows e muitos outros materiais, inclusive um minidocumentário sobre os trinta anos do grupo.

Série: *Hip-Hop Evolution*. Documentário musical, 2016. Direção: Darby Wheeler e Rodrigo Bascunan. Netflix, 4 temporadas. 16 anos.

Produção canadense, a série busca resgatar com detalhes as duas primeiras décadas da cultura hip-hop, avaliando suas transformações com o passar dos anos e à medida que é assimilada por centros urbanos de todo o planeta.

Documentário: *O rap pelo rap*. Direção: Pedro Fávero. Brasil, 2014, 73 min. Disponível em: www.youtube.com/orappelorap. Acesso em: 20 nov. 2020.

Produção documental independente, o longa-metragem compila uma série de entrevistas com artistas do rap e da cultura hip-hop, visando apresentar um histórico desse gênero musical em terreno brasileiro. Dexter, Criolo e Karol Conká são alguns dos entrevistados.

Filme: *Branco sai, preto fica*. Direção: Adirley Queirós. Brasil, 2015, 135 min. Distribuição: Vitrine filmes. 12 anos.

Híbrido entre ficção e documentário, o filme resgata um episódio de violência policial num baile black music na Ceilândia, cidade-satélite do Distrito Federal, no dia 5 de março de 1986. O episódio ficou conhecido como “O massacre do quarentão”. O título reproduz uma frase proferida por um dos militares na violenta abordagem.

Fime: *Cidade de Deus*. Direção: Fernando Meirelles e Katia Lund. Brasil, 1997, 128 min. 16 anos.

O filme, baseado no primeiro livro do escritor Paulo Lins, elabora um amplo relato a respeito da ascensão da criminalidade na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. O livro foi saudado pelo crítico Roberto Schwarz como um “acontecimento”, visto que se trata de uma obra que, à semelhança de *Sobrevivendo no inferno*, narra a violência nas periferias cariocas sob a perspectiva de quem mais sofre com ela, a de quem vê de dentro.

Filme: *Carandiru*. Direção de Hector Babenco. Distribuição: Sony Pictures. Brasil, 2003, 146 min. 16 anos.

Baseado no livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, o filme tem como foco as experiências do médico, que atuou por anos como voluntário em políticas de prevenção ao HIV no centro de detenção de São Paulo.

Livro: *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Relato que inspirou o célebre filme de Hector Babenco, o livro foi vencedor do Prêmio Jabuti na categoria não ficção (2000).

Poema visual: *111*, de André Vallias. Disponível em: <https://andrevallias.tumblr.com/image/151151813073>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Nesse poema, o autor parte de um texto de Alexandre Nodari, para quem o fato de não nos lembarmos dos nomes dos 111 mortos no massacre do Carandiru é mais um sintoma de nossa sociedade.

BIBIOGRAFIA COMENTADA

CUNHA, Sueli Carneiro da. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em Educação, Universidade de São Paulo (USP), 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Nessa tese, a autora parte dos conceitos de dispositivo e de biopoder, cunhados pelo filósofo Michel Foucault, para analisar as relações raciais em território brasileiro.

D'ALVA, Roberta Estrela. “O teatro hip-hop como linguagem e alguns de seus pontos fundamentais”. *Sala Preta*, vol. 12, n. 1, p. 194-201. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v12i1p194-201>. Acesso em: 20 dez. 2020.

A autora relata os processos de pesquisa e de criação que, de um lado, traz elementos do teatro épico brechtiano; de outro, a cultura hip-hop. Tal processo resulta no teatro hip-hop e também na figura do ator-MC.

GIANINI, Flávia. “Mano Brown: ‘Não faz sentido o homem ser beneficiado só por ser homem.’” *Claudia*, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/mano-brown-feminismo>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Mano Brown reflete sobre (o pouco) espaço das mulheres no rap nacional e estabelece reflexões a respeito dessa exclusão. Também realiza considerações a respeito do

rap como manifestação cultural e sobre como a inclusão das mulheres podem contribuir para as transformações desse gênero, que pouco a pouco tem perdido espaço nas periferias.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2008.

Livro fundamental para a iniciação à sociologia, no qual o autor apresenta de forma completa — panorâmica e profunda — diversos conceitos importantes para a área de ciências humanas e sociais.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Nesse belo livro de ensaios, bell hooks apresenta reflexões instigantes sobre a educação nos Estados Unidos, na era do multiculturalismo. A educação pela liberdade defendida pela autora passa pela transgressão de fronteiras raciais, socioeconômicas e de gênero.

LOURENÇO, Mariane Lemos. “Arte, cultura e política: o movimento hip-hop e a constituição dos narradores urbanos”, *Psicologia para América Latina*, México, n. 19, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014. Acesso em: 16 nov. 2020.

No artigo, a pesquisadora, doutora em psicologia social pela Universidade de São Paulo (USP), apresenta os resultados de seu estudo sobre o papel do hip-hop nas comunidades periféricas. Para esse artigo, a autora entrevistou jovens moradores dessas comunidades.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

Nessa obra seminal para os estudos contemporâneos e pós-coloniais, o autor reflete sobre o conceito de *negro*, uma construção forjada pelo imaginário racial ocidental/europeu, bem como sobre suas implicações e consequências que se manifestam até os dias de hoje.

MELO, Tarso de. “*Sobrevivendo no inferno: ainda e sempre*”. *Cult*, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sobrevivendo-no-inferno-racionais>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Nesse artigo, que celebra os trinta anos dos Racionais, o autor apresenta um panorama das principais características e trabalhos do grupo, realizando, também, uma bela leitura interpretativa de algumas de suas letras.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fim da canção? Racionais como efeito colateral do sistema cancionista brasileiro*. Tese de doutorado em literatura brasileira, Universidade de São Paulo, (USP). 2015. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-09102015-154802/pt-br.php. Acesso em: 20 nov. 2020.

Partindo aqui da hipótese formulada por Chico Buarque (para quem o rap talvez representasse o fim de uma tradição da canção nacional), Acauam Oliveira investiga em que consiste essa tradição do cantor nacional para averiguar até que ponto o rap realiza essas rupturas. Trata-se de um instigante e profundo estudo sobre os impactos dos Racionais MC's na cultura brasileira.

PRADO, Vinicius. "Mano Brown: 'Rap virou de direita, religioso e moralista'". *Portal Rap Mais*. Disponível em: <https://portalrapmais.com/mano-brown-rap-virou-de-direita-religioso-e-moralista>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Mano Brown faz um duro balanço sobre os trinta anos dos Racionais MC's e sobre as transformações sociais nas comunidades periféricas.

SILVA, Marcelo Barros e. "O fim da canção (em torno do último Chico)". *serrote*, n. 3, nov. 2009. Disponível em: www.revistaserrote.com.br/2011/06/o-fim-da-cancao-em-torno-do-ultimo-chico. Acesso em: 20 nov. 2020.

Nesse interessante ensaio, o jornalista Marcelo Barros parte da hipótese formulada por Chico Buarque sobre o fim da canção para analisar a própria obra de Buarque, com ênfase num de seus discos mais recentes, *Carioca* (2006).

TATIT, Luiz. "Cancionistas invisíveis". Disponível em: www.luiztatit.com.br/artigos/artigo?id=29/Cancionistas-Invis%C3%ADveis.html. Acesso em: 20 nov. 2020.

Nesse artigo, Tatit tece instigantes reflexões a respeito da canção, abordando diversas manifestações dessa que, além de produto musical, para ele é também uma classe de linguagem.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

O músico e antropólogo Ricardo Teperman, cuja dissertação de mestrado foi sobre as batalhas de MCs, traça um panorama introdutório da história do rap nacional, dedicando mais de um capítulo aos Racionais MC's e à análise de algumas de suas emblemáticas canções.

OBRAS CITADAS

ALVES, Castro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

BRÄKLING, Kátia Lomba. "Leitura colaborativa". In: *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Uni-

versidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-colaborativa>. Acesso em: 26 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consel/Undime, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (2005). Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (usp). Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FREITAS, Daniela Silva de. “Slam resistência: poesia, cidadania e insurgência”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40185915>.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Navio negreiro*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000074.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

GONÇALO JUNIOR. “Paraisópolis casos de covid-19 caem com ajuda da comunidade”. *Portal Terra*, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/paraisopolis-casos-de-covid-19-caem-com-ajuda-da-comunidade,16af2bcefc2fd1cd1132915264c06c45z0fvsx2w.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SILVA, Fernando de Barros e. “O fim da canção (em torno do último Chico)”. *serrote*, n. 3, nov. 2009. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2011/06/o-fim-da-cancao-em-torno-do-ultimo-chico>. Acesso em: 20 nov. 2020.